



**A gramática estadunidense como alteridade
para a gramatização brasileira do português no século XIX:
análise da composição da gramática *Holmes Brasileiro
ou Grammatica da Puericia* de Júlio Ribeiro (1886)
com base no modelo do compêndio *A Grammar of the English
Language* de George Frederick Holmes (1878)**

*The American grammar as alterity for the Brazilian
grammatization of Portuguese in the nineteenth century:
analysis of the composition of the grammar “Holmes Brasileiro
ou Grammatica da Puericia” by Júlio Ribeiro (1886) from
the model of the compendium “A Grammar of the English
Language” by George Frederick Holmes (1878)*

José Edicarlos de Aquino

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo / Brasil

edicarlos_aquino@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo analisa os procedimentos de Júlio Ribeiro para compor a sua gramática *Holmes Brasileiro Grammatica da Puericia*, em 1886, com base no modelo do compêndio *A Grammar of the English Language*, lançada por George Frederick Holmes em 1878. Ilustrando em detalhes o mecanismo de transferência de tecnologia entre línguas segundo o conceito de gramatização de Auroux (1992), essa análise nos permite trazer à luz um elemento pouco observado na história das ideias linguísticas no Brasil, isto é, a alteridade que a gramática estadunidense representa para a gramatização brasileira do português no século XIX. Dessa forma, detalhamos as várias modificações que Júlio Ribeiro opera no texto de Holmes ao traduzi-lo e adaptá-lo para a escrita de uma gramática do português, mostrando como elas se realizam por

exigência das especificidades da ordem da própria língua, mas também como significam um gesto de autoria do gramático brasileiro sobre o conhecimento linguístico, inserindo, inclusive, referências ao Brasil no discurso gramatical.

Palavras-chave: gramatização brasileira; século XIX; Júlio Ribeiro; George Frederick Holmes; gramática brasileira, gramática estadunidense; gramática latina extensa.

Abstract: This article analyzes the procedures of Júlio Ribeiro to compose his grammar *Holmes Brasileiro Grammatica da Puericia*, in 1886, from the model of the compendium *A Grammar of the English Language*, released by George Frederick Holmes in 1878. Illustrating in detail the technology transfer mechanism between languages according to Auroux's concept of grammatization (1992), this analysis allows us to bring to light an unobserved element observed in the history of linguistic ideas in Brazil, that is, the alterity that the American grammar represents for the Brazilian grammatization of Portuguese in the nineteenth century. In this way, we detail the various modifications that Júlio Ribeiro operates in Holmes's text by translating it and adapting it to the writing of a Portuguese grammar, showing how they are performed by exigency of the specifics of the order of the language itself, but also as signify a gesture of authorship by the Brazilian grammarian about linguistic knowledge, including references to Brazil in grammatical discourse.

Keywords: Brazilian grammatization; nineteenth century; Júlio Ribeiro; George Frederick Holmes; Brazilian grammar, American grammar; extended Latin grammar.

Recebido em 14 de julho de 2017.

Aceito em 2 de setembro de 2017

1 Introdução

O presente artigo tem como foco os procedimentos de composição da obra *Holmes Brasileiro ou Grammatica da Puericia*, publicada por Júlio Ribeiro em 1886. Além de demonstrar que a produção gramatical de Júlio Ribeiro não se restringiu à *Grammatica Portuguesa*, de 1881, faz-se obrigatório observar que também faz parte dessa produção a *Nova Grammatica Latina*, de 1890, cuja importância reside no fato de

ela ser um dos raros exemplos de gramática no Brasil do século XIX escrita para crianças no início do processo de escolarização. Sobretudo sob efeito do Programa de Português para os Exames Preparatórios, de 1887, conforme consta em trabalho de Orlandi e Guimarães (2001), as gramáticas brasileiras eram produzidas para preparar os jovens para a entrada nos cursos universitários, voltadas, portanto, para os anos finais da escola.

A análise dos procedimentos de Júlio Ribeiro para compor a *Holmes Brasileiro ou Grammatica da Puericia* nos permite ilustrar em detalhes como se opera uma transferência tecnológica entre línguas e, dessa forma, compreender na prática o conceito de gramatização, definida por Aurox (1992, p. 65) como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Essa análise nos permite igualmente mostrar como esse processo se realiza especificamente nas condições particulares do início da gramatização brasileira do português no século XIX, processo que tem como efeito a constituição do português como língua nacional do Brasil, segundo Orlandi e Guimarães (2001).

Nesse ponto, nosso trabalho procura lançar luz sobre um elemento pouco avaliado na história das ideias linguísticas no Brasil, isto é, a alteridade que a gramática estadunidense representa para a gramatização brasileira, pois a *Holmes Brasileiro ou Grammatica da Puericia*, como o título anuncia, é uma tradução de *A Grammar of the English Language*, lançada em 1878 por George Frederick Holmes, professor de história, literatura e retórica na Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos da América. Como explica Rodríguez-Alcalá (2011, p. 205), “as transferências tecnológicas não são processos lineares nem se efetuam por uma simples transmissão, mas, sim, por meio de gestos de elaboração e de reinvenção determinados pelas circunstâncias culturais, sociais e políticas”, sendo, nesse sentido, importante perguntar “quem faz essas transferências, em que direção, como, com que finalidade”. Respondendo a essas questões, podemos afirmar que quem faz a transferência é Júlio Ribeiro, um gramático brasileiro do século XIX, e que essa transferência é feita de uma gramática do inglês dos Estados Unidos em direção ao português no Brasil, com a finalidade de fornecer material para o estudo do português para crianças das séries iniciais da escola. O *como* é justamente o que vamos mostrar em detalhes neste artigo.

2 A busca de Júlio Ribeiro no compêndio de George Frederick Holmes por um modelo tido como científico para composição de uma gramática brasileira do português destinada ao público infantil no Brasil do século XIX

A *Holmes Brasileiro ou Grammatica da Puericia*, de Júlio Ribeiro, traz em seu título o texto de origem, a filiação com um autor e uma tradição: George Frederick Holmes e a sua gramática *A Grammar of the English Language*, uma gramática do inglês para uso nos Estados Unidos. Traz também uma modificação pelo uso do adjetivo “brasileiro”, marcando uma diferença que é também de autoria, ou seja, sob a perspectiva de um brasileiro, ou melhor, segundo um gramático brasileiro. Tem ainda como alvo um público: o infantil. Como metonímia de *gramático*, a nomeação *Holmes Brasileiro* nos remete ao título da mais antiga gramática do francês, *Donait françois*, um modo de intitular que, com base em Auroux (1992) e Timelli (1996), tem a ver com o fato de as *Ars Minor* de Donato terem sido o principal modelo das primeiras gramáticas dos vernáculos europeus, de forma que o que está em jogo é a transmissão de um modelo de tradição gramatical.

No prefácio de sua própria gramática, Holmes elege como objetivo inicial adaptar para o uso das escolas nos Estados Unidos o que de melhor aparecia nas várias gramáticas inglesas publicadas na época na Inglaterra:

When this Grammar was undertaken, little more was contemplated than to adapt to the use of American schools what appeared to be best in the numerous Grammars of the English tongue recently published in England, with such additions and improvements as might be derived from other sources, including the results of private studies previously pursued. (HOLMES, 1878, p. 1)¹

Num movimento que mostra os caminhos da gramatização brasileira em termos de modelos, Júlio Ribeiro adapta para falantes de português no Brasil (todos os falantes de português, mas o público é

¹ Quando esta Gramática foi iniciada, pouco mais foi contemplado que a adaptação para uso em escolas americanas do que parecia ser o melhor de várias gramáticas da língua inglesa recentemente publicadas na Inglaterra, com adições e melhorias derivadas de outras fontes, incluindo os resultados de estudos privados previamente realizados. (HOLMES, 1878, p. 1)

brasileiro) uma gramática dos Estados Unidos da América que, por sua vez, já foi pensada e construída como uma adaptação de uma gramática da Inglaterra. Na contracapa da obra do gramático brasileiro, pode-se ler “TRADUCCÃO DA *Introduction to English Grammar* de G. F. Holmes, LL.D. E ADAPTAÇÃO DELLA Á LÍNGUA PORTUGUEZA POR JULIO RIBEIRO”.

O que Júlio Ribeiro traduz para compor sua própria gramática é uma espécie de resumo gramatical que Holmes apresenta no início de sua obra, com o título de *Introduction do the English Grammar*. No prólogo da primeira edição, Júlio Ribeiro comenta seu trabalho de traduzir para o português a introdução da gramática de Holmes, qualificada como “um monumento de sciencia e bom senso”. É o próprio Júlio Ribeiro quem utiliza o verbo traduzir para falar do seu trabalho, justificando, no entanto, e isso é o importante para nós, que esse trabalho de tradução exige modificações impostas pela própria índole do português: “Traduzir essa «INTRODUCTION», modificando-a nos logares em que o exige a índole do Portuguez, é um relevante serviço aos que nesta lingua encetam o tirocinio das lettras” (1891, p. 3). A gramática é modificada e não apenas traduzida, algo que tem certamente a ver com o que diz Auroux (1992, p. 44) sobre o que é da ordem do próprio procedimento da gramatização como uma transferência de tecnologia, quando explica que “a construção da rede supõe adaptações locais e um certo vizeamento das descrições”, mas que também pode ser enxergado como um gesto de autoria do gramático brasileiro. É a língua (e o procedimento de tradução) que demanda modificações, mas é o autor quem vai ter que escolher, entre outros, que exemplo em português pode substituir o exemplo em inglês para explicação dessa ou daquela proposição.

Segundo consta no prólogo, não é o simples fato de escrever uma gramática que aparece como “um relevante serviço” de Júlio Ribeiro para os falantes de português, mas escrever uma gramática diferente das que andavam sendo escritas. No mais, cabe apenas notar que, no fim do século XIX, um gramático brasileiro está se pondo numa posição de escrever uma gramática não apenas para brasileiros, mas para os falantes de português em geral, aos que, reaproveitando o texto do próprio autor, “nesta lingua encetam o tirocinio das lettras”, aos que dão os primeiros passos no estudo do português, enfim. De fato, apresentando-se como quem presta um relevante serviço para esse fim, Júlio Ribeiro marca a mesma diferença tantas vezes repetidas por ele em relação a seus pares,

isto é, num meio de gramáticas metafísicas, sua gramática, por não ser justamente metafísica, prestaria uma importante contribuição aos que estudam português: “O presente livrinho constitui uma verdadeira preparação para o estudo da alta grammaticologia, e não é um dos muitos compendios soít disant elementares, que só se diferenciam das grammaticas metaphysicas grandes por serem impressos em typo miudo e fomato reduzido.” (1891, p. 3). Por esse trecho, vemos novamente essa especificidade de a gramática de Júlio Ribeiro ser um instrumento para um nível mais elementar de estudo gramatical. E pelo modo como formula sua crítica, aparentemente sua gramática não é a única dessa natureza, embora ainda conheçamos muito pouco a história dessas gramáticas para iniciantes nos estudos escolares, por assim dizer. Nesse conjunto, talvez possamos citar a *Primeira Grammatica da Infância* e a *Segunda Gramática da Infância*, lançadas por Francisco Ferreira de Vilhena Alves em 1897. De qualquer forma, uma diferença é marcada por Júlio Ribeiro: sua gramática não é metafísica.

Júlio Ribeiro e Holmes dizem procurar um modelo científico para escrever suas gramáticas. Há nesse ponto uma diferença fundamental, pois o brasileiro recusaria a princípio as teorias linguísticas dos colonizadores, algo que o estadunidense não faz, uma vez que ele invoca justamente a tradição gramatical na Inglaterra para compor uma gramática do inglês nos Estados Unidos. Na busca pelo modelo científico, Holmes vai olhar para a Alemanha, sem deixar de considerar a Inglaterra e os próprios Estados Unidos da América, ressaltando que o projeto inicial de adaptação de uma gramática inglesa para escrever sua própria gramática foi aprimorado por meio da observação dos princípios da “filologia moderna” (*modern philology*), fazendo referência aos nomes de Grimm, Wallis, Horne Tooke, Taylor, Latham, Marsh, Clark, Alford e Max Müller. Júlio Ribeiro, por sua vez, como já mostramos em outros trabalhos (2016, 2012a, 2012b), só olha para Portugal para se referir a autores que trabalham com o método histórico-comparativo, caso de Adolfo Coelho e Teófilo Braga. Para Júlio Ribeiro, o científico aqui é o próprio Holmes e a tradição da gramática inglesa.

No final do seu prólogo, o procedimento de adaptação do trabalho de Holmes aparece como argumento para facilitação daqueles que estão no começo do estudo do português: “Imitando o benemerito grammaticographo americano, nós sacrificamos a belleza do estylo á clareza da phrase, mais curando do proveito de quem começa a estudar, do

que da gloriola de arredondar periodos rhetoricamente correctos” (1891, p. 3). A modificação serve, assim, a fins pedagógicos, à facilitação de um estudo. A imitação de Holmes, por seu turno, não apenas serve pela forma reduzida como é organizado o texto, prestando-se a estudos iniciais, mas também, poderíamos argumentar, para romper com as gramáticas metafísicas. Não se deve esquecer do que mostramos anteriormente sobre a gramática de Holmes ser apresentada por Júlio Ribeiro como “um monumento de sciencia e de bom senso”. O que Júlio Ribeiro imita é a ciência, e, imitando a ciência, ele se diz diferenciar das gramáticas metafísicas.

3 A divisão da gramática de Júlio Ribeiro com base no manual de Holmes

Segundo Holmes, a gramática de Júlio Ribeiro é dividida em XV partes, com algarismos romanos, e cada parte é subdividida em outras, em números indo-arábicos: I. Prolegomenos; II. Palavras que significam cousas; III. Palavras que significam qualidades ou limitações de cousas; IV. Palavras empregadas para restringir a significação dos substantivos; V. Palavras que substituem os Substantivos; VI. Palavras que significam ações e condições de cousas; VII. Palavras que denotam o caracter ou qualidade de acções ou atributos; VIII; Palavras que significam a relação ou a direcção de uma cousa para outra; IX. Palavras que ligam outras palavras ou asserções; X. Palavras usadas para exprimir emoção ou sentimento; XI. Enumeração das classes de palavras; XII. Sentença; XIII. Sentença simples; XIV. Sentenças Compostas; XV. Sentenças Complexas.

Diferentemente de Holmes, que apenas enumera o ponto I, Júlio Ribeiro vai chamar essa parte de Prolegômenos. Nessa parte, subdividida em 12 pontos, explica-se que 1. usamos da linguagem para explicar os pensamentos ou emoções; 2. a linguagem se compõe de palavras; 3. palavras tomadas em separado não constituem linguagem; 4. para constituir linguagem as palavras devem ser juntas de modo que expressem um sentido completo; 5. palavras ajuntadas de um modo que expressem um sentido completo formam sentenças; 6. uma sentença é uma coleção de palavras que encerra um sentido distinto; 7. no estudo da linguagem procura-se conhecer as palavras e o seu modo de emprego na formação das sentenças; 8. a linguagem é falada ou escrita; 9. palavras faladas constam de um ou mais sons que encerram uma significação distinta;

10. palavras escritas constam de uma ou de mais letras, usadas como sinais dos sons empregados na formação das palavras; 11. diferentes palavras servem para diferentes usos na construção das sentenças; 12. as palavras são de espécies diferentes conforme os diferentes usos para que elas servem na construção das sentenças. No texto de Júlio Ribeiro, a conclusão não é numerada, diferentemente do de Holmes, em que essa parte aparece com o número XVI.

Cabe notar que Júlio Ribeiro altera a ordem do tratamento das sentenças estabelecido por Holmes, que, em sequência, fala de Sentença Simples (XII), Sentenças Complexas (XIV) e Sentenças Compostas (XV). O brasileiro vai tratar das sentenças compostas antes de falar sobre as sentenças complexas. Júlio Ribeiro vai acrescentar no final de sua gramática um “aditamento” sobre os principais fatos léxicos e sintáticos da língua portuguesa, dividido em dois pontos: I. Principais fatos léxicos da Língua Portuguesa; II. Principais fatos sintáticos da Língua Portuguesa.

4 As reformulações de Júlio Ribeiro ao traduzir e adaptar o texto de Holmes para a escrita de uma gramática brasileira do português: acréscimos, supressões, inversões e substituições de elementos na transposição de um modelo gramatical à luz das diferenças entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos e da posição autoral sobre o conhecimento linguístico

Acompanhemos linearmente as várias modificações que Júlio Ribeiro opera no texto de Holmes ao traduzi-lo e adaptá-lo para a escrita de uma gramática brasileira do português. Essas modificações se realizam sob forma de acréscimos, supressões, inversões e substituições de termos, frases, trechos e itens inteiros do compêndio do estadunidense, abrangendo as várias partes da gramática, como os exemplos, os exercícios, a terminologia, as definições e divisões das classes de palavras, as explicações e descrições do funcionamento e das propriedades das categorias gramaticais.

Numa das primeiras intervenções de Júlio Ribeiro, notamos um caso em que a descrição do fenômeno e a natureza do exemplo são as mesmas de Holmes, mas as palavras para exemplificar são diferentes, pois, se as palavras usadas em inglês fossem simplesmente traduzidas, elas não serviriam ao público de língua portuguesa, por não ilustrarem o fenômeno com a justeza necessária. Assim, numa relação entre regra e

exemplo, no item 11 dos Prolegômenos, quando se explica que diferentes palavras servem para diferentes usos na construção das sentenças, Júlio Ribeiro repete, exatamente como Holmes, que palavras diversas são às vezes representadas pelo mesmo som. O exemplo de Júlio Ribeiro é: *cessão, secção, sessão – Pena, penna*. Em inglês, Holmes usa as palavras: *I, eye, aye; ale, ail*.

No item 13, quando se explica que muitas palavras significam coisas que podem ser tocadas ou manejadas, Júlio Ribeiro apresenta um exemplo a menos do que Holmes, suprimindo a palavra *chair* (cadeira). Do mesmo modo, ele suprime a palavra *anger* (raiva) da lista de palavras usadas por Holmes no item 17, em que se explica que muitas palavras denotam coisas que não podem ser diretamente percebidas pelos nossos sentidos, mas podem ser reconhecidas pelas nossas mentes. Talvez seja possível argumentar aí em favor de um gesto de autoria que considere que um número menor de palavras seja suficiente para exemplificar uma definição, enxergando, assim, no texto de Holmes, um excesso. Vemos isso em muitas passagens. No item 18, quando se explica que existem palavras que significam coisas que não têm existência própria em separado, Júlio Ribeiro exclui dois exemplos dados por Holmes, que havia usado as palavras *color, heat, whiteness, warmth, length e truth*. Júlio Ribeiro usa apenas *cor, calor, comprimento e verdade*, excluindo, portanto, *whiteness* (brancura) e *warmth* (calor). Mas aqui existe também algo da ordem da língua, pois a distinção do par *heat e warmth* não teria cabimento em português, reduzidas em uma única palavra: *calor*. Assim, com o corte da palavra *whiteness*, podemos argumentar, pelo gesto de autoria de Júlio Ribeiro, que ele vê um excesso na quantidade de exemplos de Holmes. Por outro lado a supressão da palavra *warmth* representa algo da ordem da língua que determina a adaptação e o corte de exemplos, uma vez que o par *heat e warmth* não teria um outro par equivalente em português. No item 19, quando se define que substantivos são palavras que dão nomes às coisas, vemos uma vez mais esse corte do excesso, quando Júlio Ribeiro retira a palavra *crime* (crime) da lista de palavras que exemplificam coisas que podem ser concebidas pela mente. Holmes emprega *virtue, vice e crime*; enquanto Júlio Ribeiro, apenas *virtude e vício*.

Em seguida, observamos um caso em que o brasileiro atribui uma função a mais a um tipo de palavra descrito pelo estadunidense. Essa operação se dá por meio da forma como os adjetivos são conceituados.

Holmes nomeia o item III como “Words signifying Qualities of things”, ao passo que Júlio Ribeiro vai escrever “Palavras que significam qualidades ou limitações de cousas”, ajuntando “ou limitações”, para dizer, portanto, que, nessa categoria de palavras considerada por Holmes, os adjetivos podem significar também limitações e não apenas qualidade das coisas. Para teorizar a questão, o brasileiro tem que escrever mais, completando o texto de Holmes. Assim, Ribeiro (1891, p. 12), depois de traduzir a passagem de Holmes que diz que as coisas se distinguem umas de outras por qualidades ou propriedades que lhes pertencem, adiciona: “E tambem por limitação de numero, de posição, etc., exemplos: «*Um homem-dois homens-este cavallo-aquelle cavallo.*»”. E aqui poderíamos pensar que se trata de um gesto de autoria que até pode ter algo a ver com o que impõe o funcionamento da língua, mas que parece corresponder antes de tudo ao conhecimento metalinguístico. Não é que o mesmo tipo de palavra possa menos em uma língua, mas que um gramático julgue que ele pode mais. Afinal, essa introdução da gramática de Holmes que Júlio Ribeiro traduz, e a própria motivação para traduzi-la, presta-se a mostrar considerações gerais sobre a língua, de qualquer língua, da linguagem, portanto. Tanto é assim que Júlio Ribeiro vai acrescentar, no final de sua gramática, um aditamento com o que chama de principais fatos léxicos e sintáticos da língua portuguesa.

No item 22 dessa mesma parte, no qual se explica que as qualidades e propriedades podem ser consideradas à parte das coisas em que existem e podem ser nomeadas em separado, Júlio Ribeiro corta a parte final do texto de Holmes no qual o autor estadunidense dá o nome do tipo de palavra do qual está falando: “When the qualities are so considered and named, their names are nouns” (HOLMES, 1878, p. 11). Diferentemente de Holmes, que encerra com essa afirmação o tratamento dessa questão, Júlio Ribeiro acrescenta dois pontos ao texto de Holmes. No ponto 23, Júlio Ribeiro explica que a limitação das coisas se faz por meio de palavras que indicam a posição em relação a nós, o seu número, entre outros. No ponto 24, ele explica que a limitação pode ser de posição, de número, de possessão, de conjunção e por designação apenas de grupos de classe. São dois pontos, então, que Júlio Ribeiro insere para poder desenvolver a sua posição de que há palavras que significam qualidades e também limitações. Por inserir esses dois pontos, o paralelismo de numeração entre os dois textos é quebrado. O item 23 da gramática de Holmes vai corresponder, então, ao item 25 da de Júlio Ribeiro. Nesse item, Holmes

(1878, p. 11-12) afirma que “Words which name qualities connected with things, or Attribute words, are called Adjectives,. Essa passagem é assim traduzida por Ribeiro (1891, p. 15): “Palavras que nomeiam qualidades connexas com cousas, e palavras que indicam a limitação de cousas chamam-se Adjectivos”. Mais uma vez, Júlio Ribeiro insere a questão da limitação das coisas como função de uma classe específica de palavras. Assim, ainda nesse mesmo ponto (23 de Holmes e 25 de Júlio Ribeiro), quando se explica que os adjetivos são nomes assim como os substantivos, o brasileiro escreve: “Os substantivos nomeiam as cousas; os adjectivos nomeiam as qualidades ou propriedades das cousas, ou indicam a sua limitação” (RIBEIRO, 1891, p. 15). O estadunidense, por sua vez, havia posto somente: “Adjectives name qualities or properties existing in things” (HOLMES, 1878, p.12). O fato de Júlio Ribeiro cortar a passagem em que Holmes explicava que o nome do tipo de palavra do qual está falando era o substantivo, bem como o fato de ele inserir mais dois pontos no texto para dizer como se faz a limitação das coisas, enumerando como essa limitação pode ser, leva-nos a pensar que o que Holmes trata como substantivo Júlio Ribeiro já trata como adjetivo. No mesmo item 23, Holmes dá como exemplos de adjetivos as palavras *green* (verde), *beautiful* (bonito) *red* (vermelho) e *bright* (luminoso), ao passo que Júlio Ribeiro escolhe como exemplos as palavras: *verde*, *bonito*, *este*, *esse*, *um*, *dois*, *cada*, *cada um*, *qual*, *cujo*, *um*, *algum*. São essas palavras que se encontram nos itens 23 e 24 do texto de Júlio. No item 23, por exemplo, ele diz “«*Este-esse-aquelle*» são palavras que servem para indicar a limitação das cousas pela posição que ellas occupam” (1891, p. 14). No item 24, ele explica de que tipo pode ser a limitação:

A limitação pode ser

- 1) de posição, exemplos: «*Este cavallo-esse cavallo-aquelle cavallo*».
- 2) de numero, exemplos: «*Um cavallo-dois cavallos-tres cavallos*».
- 3) de distribuição, exemplos: «*Cada cavallo-cada um cavallo*».
- 4) de posseção, exemplos: «*Meu filho-teu pae-nosso amigo-seu thio*».
- 5) de conjuncção, exemplo: «*O qual cavallo*».
- 6) por designação apenas de grupos de classe, exemplos: «*Um cavallo-alguns cavallos*». (RIBEIRO, 1891, p. 14-15)

Se Júlio Ribeiro modifica a parte do texto de Holmes que trata de substantivos para já tratar de adjetivos, quando o estadunidense vai definir os adjetivos, no item 24 da introdução de sua gramática, Júlio Ribeiro traduz o texto, que aparece com o número 26 da sua gramática, mencionando “Adjectivos Limitativos”, uma noção que não está na passagem de Holmes, como se pode verificar a seguir:

Adjectives are words which name qualities or properties attributed to things. When we say *a graceful lady*, the quality of *grace* is ascribed to a lady. When we say *a violent wind*, the property of *violence* is attributed to the wind. When we say *an ungainly person*, the quality of *ungainliness* is ascribed to a person. The words *graceful*, *violent*, *ungainly*, name qualities considered in connection with “a lady,” “a wind,” “a person,” respectively, and are adjectives. (HOLMES, 1878, p. 12)

Júlio Ribeiro, em tradução desse item, diz o seguinte:

ADJECTIVOS são palavras que nomeiam qualidades ou propriedades attribuídas a cousas, ou que indicam a limitação dellas. Quando dizemos «*Graciosa senhora*», a qualidade «*graça*» é adscripta a uma senhora. Quando dizemos «*Vento violento*», a qualidade «*violencia*», é attribuida ao vento. As palavras «*graciosa-violento*» nomeiam qualidades consideradas em connexão com «*senhora-vento*», e são, por consequente, Adjectivos Qualificativos. Quando dizemos «*Um homem*», a palavra «*um*» limita o substantivo «*homem*».

Quando dizemos «*Alguns negocios*» a palavra «*alguns*» limita o substantivo «*negocios*». As palavras «*um-alguns*» indicam a limitação de «*homem-negocios*» e são, por consequente, Adjectivos Limitativos. (RIBEIRO, 1891, p. 15-16)

Vemos que Júlio Ribeiro corta uma das três seqüências de exemplos de Holmes. No lugar, ele vai colocar uma outra série em que vão aparecer as palavras: *um* e *alguns*, concluindo que elas limitam o substantivo e, por isso, são adjetivos limitativos. Na verdade, com os exemplos que toma de Holmes, Júlio Ribeiro diz se tratar de “Adjectivos Qualificativos” e, com a série de exemplos que ele próprio cria, diz se tratar de “Adjectivos Limitativos”. Assim, o que é apenas adjetivo para Holmes é separado em duas categorias por Júlio Ribeiro, adjetivos qualificativos e adjetivos limitativos.

No ponto 22, vale notar ainda que Júlio Ribeiro altera a ordem dos exemplos dados por Holmes. O estadunidense põe, por ordem: *blackness*, *whiteness*, *heat*, ao passo que o brasileiro ordena da seguinte forma: *Brancura*, *negrura*, *calor*.

Ainda sobre as modificações nos exemplos empregados, notamos que, no item 27 do texto de Júlio Ribeiro (25 de Holmes), quando se explica que os adjetivos sempre se referem a substantivos, quer expressos, quer subentendidos, Holmes apresenta três séries de exemplos:

When we say, “Here is a piece of *white* cloth,” the adjective *white* refers to the noun *cloth*, which is expressed. When we say “*White* may be seen further than *black*,” the adjectives *white* and *black* refer to a noun -color, or colors- which is understood without being expressed. In the phrase, “The *Holy One* of Israel,” *Holy* refers to *One*, which is understood to mean God, the name of the Supreme Being – therefore a noun. (HOLMES, 1878, p. 12)²

Júlio Ribeiro vai apresentar apenas um exemplo, em que guarda as palavras *branco* e *preto* usadas em um dos exemplos de Holmes, mas numa frase completamente nova e, ao que parece, com usos completamente diferentes, tanto semanticamente quanto distribucionalmente: “Beba cerveja PRETA»; a BRANCA não é tão nutritiva” (RIBEIRO, 1891, p. 16-17).

Um outro ponto da gramática em que notamos frequentes alterações do texto de Holmes por parte de Júlio Ribeiro são os exercícios. De forma geral, o brasileiro vai trazer os mesmos exercícios propostos pelo estadunidense. No primeiro exercício da parte III, assim como Holmes, Ribeiro (1891, p. 17) pede: “Nomear as qualidades ou propriedades em conexão com cada uma das seguintes cousas”. No entanto, à diferença de Holmes, ele completa: “e depois limitá-las”. Esse pedir algo a mais no exercício tem a ver com as propriedades a mais que Júlio Ribeiro dá ao tipo de palavra de que está tratando e que não foram consideradas por Holmes. Dessa forma, nesse mesmo exercício, após

² Quando dizemos “Temos aqui um pedaço de tecido *branco*”, o adjetivo *branco* refere-se ao substantivo *tecido*, que é expressado. Quando dizemos “O *branco* pode ser melhor visto que o *preto*”, os adjetivos *branco* e *preto* referem-se ao substantivo cor ou cores – que é entendido sem ser expressado. No sintagma “O *Ser Divino* de Israel”, *Divino* refere-se a *Ser*, que é entendido como Deus, o nome do Ser Supremo – ou seja, um substantivo. (HOLMES, 1878, p. 12)

dada a lista de palavras, Júlio Ribeiro pergunta: “Que palavras são as que qualificam ou limitam deste modo os substantivos?”, enquanto Holmes havia perguntado apenas: “What kind of words are those which denotes qualities in this way?” (HOLMES, 1878, p. 12). Esse é um ponto que vai afetar inclusive o tamanho do exercício, o que mostra que ele não é gratuito, não se podendo afirmar, portanto, que se trata apenas de uma vontade pessoal do autor brasileiro. No exercício III, por exemplo, da mesma forma que Holmes, Júlio Ribeiro vai pedir: “Pôr os substantivos que faltam nas phrases seguintes” (1891, p. 17). Holmes (1878, p. 13) escreve, então, 13 elementos: “Muddy___, broad___, deep___, bright___, wooden___, white___, heavy___, long___, righteous___, wise___, soft___, gentle___, true___”. Júlio Ribeiro vai aproveitar esses elementos, mas incluir 20 outros, e esses elementos a mais trabalham justamente a questão da limitação da palavra e dos adjetivos qualificativos e dos limitativos, o que não foi tratado por Holmes:

.....lodoso;.....larga;.....fundas;.....brilhantes;.....duro;.....branco;pesadas;compridos;justo;.....sabia;.....branco;.....manso;verdadeira;.....triste. Este.....; essa.....; aquella.....; Aquelles.....; Um.....; Uma.....; Dez.....; Vinte.....; Duzentas.....; Quinhentas.....; Cada.....; Cada um.....; O qual.....; as quaes.....; O homem cujo.....; A mulher cujo.....; O homem cuja.....; A mulher cuja.....; Algum.....; Todos.....; Quaesquer..... (RIBEIRO, 1891, p. 17-18)

Em outro caso, no exercício IV, Júlio Ribeiro pede o mesmo que Holmes: “Indicar quaes os substantivos e quaes os adjectivos nas phrases seguintes” (1891, p. 18). No entanto, dos vários elementos dados por Holmes, Júlio Ribeiro aproveita apenas dois e substitui os outros por frases que trabalham aquelas questões da limitação da palavra e dos adjetivos qualificativos e dos limitativos I: “Bons meninos—Cousas boas e más—Este cavallo—Aquelle cachorro grande—Essa linguagem desabrida—Um caminho estreito—Homens cujos chapéos pardos—Aldeia suja—Vinte e cinco casas—Oitenta e quatro lindas raparigas—Calças pretas—Gravatas azues” (RIBEIRO, 1891, p. 18).

As modificações se dão igualmente no emprego da terminologia. Na parte IV, *Palavras empregadas para restringir a significação dos substantivos*, quando se explica que a maior parte dos substantivos são

nomes de classes ou de espécies de coisas, Júlio Ribeiro insere uma modificação na terminologia, pois, enquanto Holmes fala apenas em “*Common Nouns*”, ele emprega a nomenclatura “*Substantivos Communs ou Appelativos*”, adicionando, portanto, um segundo nome para esse tipo de classe de palavra. No item seguinte (28 de Holmes e 30 de Júlio Ribeiro), o que se vê, contrariamente, é que Júlio Ribeiro suprime uma palavra do texto de Holmes, mas aqui a questão já não é de terminologia, mas de caracterização das propriedades da classe de palavras, por assim dizer. Nesse item, Holmes fala de restringir “the signification or application” do nome, ao passo que Júlio Ribeiro fala apenas de restringir “a significação” do nome.

As modificações impostas pela ordem da língua são bastante claras no tratamento do artigo na parte IV. Essas imposições vão determinar a natureza dos exemplos empregados pelos dois gramáticos. No item 29 de sua gramática (31 da de Júlio Ribeiro), Holmes explica: “*A or an, and the are the words employed to limit the application of nouns in this way*” (1878, p. 14). Em seguida, exemplifica: “*We say, a chair, an owl; the chair, the owl; the chairs, the owls*”. Júlio Ribeiro, por sua vez, trata desse item, traduzindo-o da seguinte maneira: “«*O–a–os–as*» são as palavras que empregamos para restringir deste modo a aplicação dos SUBSTANTIVOS” (1891, p. 20). E exemplifica da seguinte forma: “*O mocho–a coruja–os mochos–as corujas*”. Na gramática do inglês, a palavra *owl* (coruja) serve para marcar a propriedade da palavra “*an*”, que introduz palavras que começam por som vocálico. É por isso que, em Holmes, o par é *chair* (cadeira) e *owl* (coruja), pois a questão é se a palavra começa por som vocálico ou consonantal. Em Júlio Ribeiro, pelo próprio funcionamento do artigo em português, o par *mocho/coruja* é empregado para mostrar a diferença entre masculino e feminino. Justamente para marcar essa especificidade da língua inglesa, Holmes vai escrever o item 30, que será completamente excluído por Júlio Ribeiro, pois essa explicação não cabe em português:

A or an is employed to signify that a single member of the class is spoken of, and that no particular individual of the class is meant. A chair denotes a single chair, and is applied to any chair, without indicating any chair in particular. An owl means a single owl, but does not mean any particular owl. A is use before words beginning with a consonant sounds; as, a boat. An is used before

words beginning with a vowel sound; as, *an apple*. (HOLMES, 1878, p. 14)³

Da mesma forma, os itens 34, 35 e 36 da gramática de Holmes serão inteiramente apagados por Júlio Ribeiro. Nesses itens, Holmes estabelece uma diferença entre “*Indefinitive Article*” e “*Definitive Article*”:

34. *A* or *an* is called the Indefinite Article, because it leaves undefined or undetermined the particular member of the class signified by the noun. A man is any man. No particular man is meant. The article *a* shows that no particular man is meant.

35. *The* is called the Definite Article, because it points out or defines the particular member or members of the class mentioned. *The man* is not any man, but a certain specified man. *The men* is not any men indifferently, but certain definite men.

36. When nouns are not limited by an article, they embrace the whole class named by them. *Man* embraces the whole human family. *Men* includes all men.

Birds comprehends all birds without limitation.

Iron, silver, gold mean everything consisting of those metals. (HOLMES, 1878, p. 15)⁴

³ *A* ou *an* são empregados para significar que um único membro de uma classe é referido no que se diz, e que nenhum membro em particular da classe é apontado. *A chair* denota uma única cadeira, e é empregado para qualquer cadeira, sem a indicação de qualquer cadeira em particular. *An owl* significa uma única coruja, mas não se refere a qualquer coruja em particular. *A* é utilizado antes de palavras que sejam iniciadas por som consonantal, como *a boat* «um barco». *An* é utilizado antes de palavras que sejam iniciadas por som vocálico, como *an apple* «uma maçã». (HOLMES, 1878, p. 14)

⁴ 34. *A* ou *an* é referido como Artigo Indefinido porque ele deixa indefinido ou subdefinido o membro particular da classe representada pelo substantivo. *A man* é qualquer homem. Nenhum homem em particular é referido. O artigo *a* mostra que nenhum homem em particular é apontado.

35. *The* é chamado de Artigo Definido porque ele aponta ou define o membro ou os membros da classe mencionada. *The man* não é qualquer homem, mas um certo homem especificado. *The men* não são quaisquer homens indiferentemente, mas certos homens definidos.

36. Quando substantivos não são limitados por um artigo, eles abarcam toda a classe por eles nomeada. *Man* abarca toda a família humana. *Men* inclui todos os homens. *Birds* compreende todos os pássaros sem limitação.

Iron, silver, gold (*ferro, prata, ouro*) significam tudo feito destes metais. (HOLMES, 1878, p. 15)

Excluindo toda essa parte, Júlio Ribeiro não considera em sua gramática a diferença entre artigo definido e indefinido, distinção que ele estabelece normalmente na sua *Grammatica Portugueza* em 1881. O autor também não trata do funcionamento coletivo do substantivo que, quando não limitado por um artigo, contempla uma classe inteira nomeada por ele. Com o artigo, Júlio Ribeiro faz inversamente o que fez com o adjetivo. Se com esse último, ele acrescentou uma classificação que Holmes não contemplava, aqui ele desconsidera uma classificação considerada pelo estadunidense. Nesse ponto, não é algo da ordem da língua que está em jogo, mas a própria posição (teórica) do gramático que o leva a considerar ou desconsiderar uma classificação, contemplar ou não um determinado funcionamento de uma classe de palavra. De fato, a própria definição de artigo de Júlio Ribeiro não vai corresponder àquela encontrada por ele em Holmes. O brasileiro define artigo da seguinte forma: “ARTIGO é uma palavra que restringe a significação do nome a um ou mais individuos determinados de uma classe” (RIBEIRO, 1891, p. 21). E Holmes assim o faz: “*Articles are words employed to show the manner in which nouns are used in a sentence, and to determine their application*” (HOLMES, 1878, p. 15). De início, como diferença na definição, Holmes diz para que serve o uso da palavra artigo, enquanto Júlio Ribeiro diz o que ela é. Para Holmes, o artigo mostra a maneira como um substantivo é usado numa frase e para determinar sua aplicação. Fala-se, portanto, de forma mais geral, em uso e aplicação. A definição de Júlio Ribeiro põe acento justamente sobre a aplicação, explicando que a função que cumpre o artigo é restringir a significação do nome a um ou mais indivíduos.

Vemos mais modificações do texto de Holmes por Júlio Ribeiro nos exercícios trazidos no fim dessa parte IV da gramática. No exercício II, a diferença se dá em razão de Júlio Ribeiro não ter feito a distinção entre adjetivo definido e indefinido, como havia feito Holmes. Assim, enquanto Holmes pede “Use the Indefinite Article with the nouns”, Júlio Ribeiro pede apenas “Ponha artigo antes de cada um dos nomes da lista seguinte”. Nesse exercício, Ribeiro aproveita a maior parte das palavras listadas por Holmes. Justamente por não fazer essa distinção, Júlio Ribeiro não insere na sua gramática o exercício III proposto por Holmes, no qual ele pede para usar o artigo definido na lista de palavras que ele propõe.

Na parte V da gramática, *Palavras que substituem os Substantivos*, em que se explica que, quando se menciona uma coisa mais de uma vez, pode-se tornar inconveniente repetir-lhe sempre o nome, Júlio Ribeiro aproveita apenas o tema das frases de Holmes, usando como exemplo a palavra *sol*, que, colocada em várias frases na posição de sujeito, serve para mostrar como seria extravagante repetir a mesma palavra em toda frase. Nas frases do brasileiro, escritas com um tom bem poético (inversão da ordem direta, uso de adjetivos, imagens bucólicas e românticas) que não encontrado em Holmes, que utiliza frases mais diretas e curtas, o *sol* é repetido sempre na posição de sujeito, como em Holmes, mas uma outra palavra é repetida em todas as frases – a palavra *terra*. Júlio Ribeiro mostra, assim, o inconveniente da repetição em mais de uma posição sintática, o inconveniente da repetição de duas palavras:

When a thing is mentioned more than once, it is often inconvenient to repeat its name on each occasion. It would be awkward if we were obliged to say: The sun returns every morning. The sun rises in the east. The sun ascends the sky. The sun stands at noon above our heads. The sun then descends. The sun sets in the west. The sun passes out of sight in the evening. Instead of repeating the name of the sun so often, and multiplying sentences, we say: The sun returns every morning; *it* ascends the sky; *it* stands at noon above our heads; *it* then descends; *it* sets in the west; and *it* passes out of sight in the evening. The word *it* supplies the place of the noun *sun*, and refers to it. (HOLMES, 1878, p. 16)

Quando se menciona uma coisa mais de uma vez, pode-se tornar inconveniente repetir-lhe sempre o nome. Seria extravagante dizer-se: «Em tudo e por tudo é *o sol* o pae da vida da *terra*: *o sol* dá á terra os annos e os mezes; *o sol* dá á terra a mudança dos céos, *o sol* dá á terra a alternativa das estações. *Do sol* vem á terra a luz esplendida dos dias de verão, *do sol* vem á terra a meiguice feiticeira das noutes de luar. É *o sol* que á terra veste os campos, é *o sol* que á terra enche os rios, é *o sol* que *a terra* fecunda. Gloria ao *sol*, gloria ao pae da vida!» Em vez de repetir tanto «*terra*» e «*sol*», diz-se mais acertadamente: «Em tudo e por tudo é *o sol* o pae da vida da *terra*: *elle* dá-lhe os annos e os mezes; *ele* dá-lhe as mudanças dos céos, dá-lhe a alternativa das estações. *Delle* *lhe* vem a luz esplendida dos dias de verão, *delle* *lhe* vem a meiguice feiticeira das noutes de luar. É *elle* que *lhe* veste os campos, é *elle* que *lhe* enche os rios, é *elle* que *a* fecunda. Gloria ao *sol*, gloria ao pae da vida!» (RIBEIRO, 1891, p. 22-23)

Assim como Holmes, Júlio Ribeiro vai reescrever as frases mostrando que as palavras repetidas podem ser evitadas. Notamos então que *sol* é substituído pelas palavras *ele* e *dele*, dependendo da posição sintática, e que *terra* é substituída por *lhe* e *a*. Em Holmes, originalmente, as frases são reescritas com a substituição da palavra *sun* (sol), sempre em posição de sujeito, pela palavra *it*. No fim desse ponto, como transcrevemos acima, Holmes explica: “The word *it* supplies the place of the noun *sun*, and refers to it”.⁵ Esse trecho é completamente cortado por Júlio Ribeiro, não sendo reaproveitado em sua gramática. É apenas pelo próprio emprego do exemplo que Júlio Ribeiro deixa entender que as palavras usadas (nas frases reescritas) substituem e se referem às palavras repetidas (nas frases com palavras repetidas). É o próprio exemplo que funciona, portanto, como explicação gramatical. Dito de outro modo, é a própria explicação gramatical que é cortada por Júlio Ribeiro, uma vez que o entendimento poderia se dar pelo exemplo.

Ainda nessa parte V, depois de explicar que pronome é uma palavra que se põe no lugar do substantivo (na verdade, Holmes fala em “word which supplies the place of”, ao passo que Júlio Ribeiro diz “palavra que se põe em lugar de”), o estadunidense diz: “Some pronouns stand for nouns. Other pronouns stand for adjectives”⁶ (HOLMES, 1878, p. 17). Ao retomar essa passagem, Júlio Ribeiro vai cortar a explicação sobre os adjetivos. No seu lugar, ele vai expor que alguns pronomes substituem e limitam ao mesmo tempo os nomes: “Alguns pronomes substituem simplesmente os nomes: outros substituem-n-os, limitando-os ao mesmo tempo” (RIBEIRO, 1891, p. 23). Em virtude disso, os exemplos de Holmes vão ser completamente substituídos por Júlio Ribeiro:

Bring wood to the fire. *Its* is at the door. Here *it* supplies the place of *wood*. It stands for a noun. *This* tree is an oak, *that* tree is a chestnut. Here *this* supplies the place of an adjective, such as *nearest*; *that*, of an adjective like *furthest*. (HOLMES, 1878, p. 17)

«Preciso muito da chave, e não sei onde *ella* está.» Aqui «*ella*» substitue simplesmente o substantivo «*chave*». «Olhe as vigas: *está* é de peroba; *aquella* é de pinheiro». Aqui «*esta*» e «*aquella*» substituem o substantivo «*viga*», e ao mesmo tempo limitam-n-o,

⁵ A palavra *it* supre o local do substantivo *sun* (*sol*), e se refere a ele.

⁶ Alguns pronomes substituem substantivos. Outros pronomes substituem adjetivos.

mostrando a posição diferente que ocupam as duas cousas que elle representa. (RIBEIRO, 1891, p. 23-24)

Ao explicar os exemplos, Holmes vai dizer, segundo o caso, que a palavra toma o lugar do nome ou do adjetivo, chamando atenção, portanto, ao nomear, para a classe da palavra substituída, substantivo e adjetivo, no caso. Júlio Ribeiro, por sua vez, quando vai explicar os seus exemplos, ele também vai dar o nome da classe a ser substituída, no caso somente o substantivo, pois ele não considera o adjetivo em sua explicação, mas acrescenta ainda, por meio de um exemplo, a propriedade do pronome de limitar o substantivo.

Nessa parte V, Júlio Ribeiro não segue a classificação dos pronomes adotada por Holmes, propondo, em seu lugar, uma divisão de menos classes, mas com subclasses. Assim, Holmes (1878, p. 17) faz a seguinte consideração sobre os pronomes: “Pronouns are divided into Personal, Relative, Interrogative, and Adjective”. Júlio Ribeiro, ao tratar do assunto, estabelece: “Ha duas classes de pronomes: Pronomes-substantivos e Pronomes-adjetivos” (RIBEIRO, 1891, p. 24). Como se nota, é Júlio Ribeiro quem fala em classe, enquanto Holmes apresenta simplesmente a divisão dos pronomes. O brasileiro vai então acrescentar dois pontos em sua gramática que não estão na de Holmes: o item 40, para explicar que os pronomes substantivos são os que substituem simplesmente os substantivos, e o item 41, para explicar que os pronomes adjetivos são os que substituem os substantivos, limitando-os ao mesmo tempo. No item seguinte, 42, a numeração das duas gramáticas volta a se emparelhar.

No seu texto, Holmes (1878, p.17) explica por que os pronomes pessoais são assim chamados: “The Personal Pronouns are so called, because they distinguish between the person speaking, the person spoken to, and the person or thing spoken of.” O texto de Júlio Ribeiro vai mudar sutilmente, pois ele vai explicar por que os *principais* pronomes substantivos são chamados de pronomes pessoais, mantendo a mesma explicação de Holmes: “Os principaes pronomes-substantivos chamam-se PRONOMES PESSOAES, porque estabelecem distincção entre a pessoa que falla, a pessoa a quem se falla, e a pessoa de quem se falla” (RIBEIRO, 1891, p. 24-25). Os pronomes pessoais entram na classificação de Júlio Ribeiro como uma classe dos pronomes substantivos. Ele insere, portanto, uma subclassificação que não foi contemplada por Holmes. Também retira completamente nesse ponto a observação de Holmes sobre como

é pouco praticável substituir os pronomes pessoais *I* (eu) e *you* (você): “It is scarcely practicable to substitute nouns for the personal pronoun ‘*I*’ and ‘*you*.’ But nouns may be easily substituted for ‘*it*’ and ‘*him*’. Thus we may say, “*I wish you to tell the secret to a friend*” (HOLMES, 1878, p. 17).⁷ Essa observação, na verdade, vai ser deslocada por Júlio Ribeiro, sendo recolocada dois pontos à frente, após explicar, no item 44, quais são os pronomes pessoais da primeira, segunda e terceira pessoa. É nesse lugar, depois de listar todos os pronomes pessoais das três pessoas, portanto, que o autor brasileiro julga ser adequado fazer tal observação, e não, como Holmes, depois de simplesmente explicar por que os pronomes pessoais são assim chamados.

A quantidade de pronomes listados por Júlio Ribeiro é bem maior do que aquela listada por Holmes. Seria possível argumentar que a questão aqui é da própria ordem da língua, pois o português teria, de fato, mais pronomes pessoais que a língua inglesa. Há, no entanto, algo que tem a ver com a descrição da língua, revelando antes mais um gesto de autoria do gramático brasileiro. Júlio Ribeiro lista todos os pronomes pessoais possíveis em português. Holmes, todavia, lista apenas uma parte dos pronomes pessoais possíveis em inglês, ignorando *me, you, him, her, us* e *them*. Nesse ponto, é importante ver os cortes e a reorganização textual que Júlio Ribeiro faz na explicação de Holmes sobre o que é a primeira, a segunda e a terceira pessoa:

The **Personal Pronouns** are—*I, We*, of the first person; *Thou, You*, of the second person; *He, She, It, They*, of the third person. The first person denotes the person or persons speaking. The second person denotes the person or persons spoken to, or addressed. The third person denotes the person or persons, thing or things spoken of. (HOLMES, 1878, p. 17-18)

Os pronomes pessoais são:

da 1.^a pessoa: «*Eu, me, mim, migo; nós, nos, nosco*».

da 2.^a pessoa: «*Tu, te, ti, tigo, vós, vos, vosco*».

da 3.^a pessoa «*Elle, ella, o, a, lhe, se; elles, ellas, os, as, lhes, se*»

A primeira pessoa é aquella que falla.

⁷ É pouco prático substituir substantivos pelos pronomes pessoais *I* (eu) e *you* (tu, você). Substantivos, porém, podem ser facilmente substituídos por *it* e *him*. Assim, podemos dizer, “*I wish you to tell the secret to a friend*” (Eu desejo que você conte o segredo para um amigo).

A segunda pessoa é aquella a quem se falla.

A terceira pessoa é aquella de quem se falla.

Qualquer das tres pessoas pode ser constituida por uma só ou por mais pessoas.

OBSERVAÇÃO: Não é quasi possivel substituir os pronomes da primeira e da segunda pessoa por substantivos. Com os pronomes da terceira pessoa a substituição é facil. (RIBEIRO, 1891, p. 25-26)

Júlio Ribeiro corta, portanto, a consideração de Holmes sobre a segunda pessoa considerada também aquela a quem se endereça e quanto à terceira pessoa, que para ele é também a coisa ou coisas de quem se fala. A definição de Júlio é mais enxuta, por assim dizer, e talvez mais geral, na medida em que não faz distinção entre pessoa e coisa, por exemplo.

Júlio Ribeiro corta os últimos dois itens da parte V da gramática de Holmes, justamente aqueles em que o estadunidense explica e apresenta os pronomes relativos e interrogativos. No tratamento dos pronomes adjetivos, é possível ver que até a própria classificação proposta pelos dois gramáticos é realizada de maneira diferente em virtude das modificações operadas por Júlio Ribeiro no texto de Holmes. Assim, esse último explica que os pronomes adjetivos são divididos em possessivos, demonstrativos, distributivos e indefinidos, listando os adjetivos de cada uma dessas classes:

The **Adjective Pronouns** are divided into several classes:

- 1) The Possessive Pronouns; as, *my, our, thy, your, his, her, its, their*.
- 2) The Demonstrative Pronouns; as, *this, that, these, those*.
- 3) The Distributive Pronouns; as, *each, every, either*.
- 4) The Indefinite Pronouns; as, *some, other, any*. (HOLMES, 1878, p. 18)

Júlio Ribeiro, por sua vez, vai explicar o que são os adjetivos, sem dividir classes nem listar quais são esses pronomes adjetivos. No tratamento que dá à questão, Júlio Ribeiro vai fazer ainda uma observação sobre o fato de alguns adjetivos limitativos não poderem ser empregados pronominalmente:

Os Pronomes-adjetivos são exactamente os adjectivos limitativos empregados pronominalmente, isto é, sem substantivo claro.

OBSERVAÇÃO: Alguns adjectivos limitativos não podem ser empregados pronominalmente, isto é, sem substantivo claro. «Cada», por exemplo, nunca pode estar só na phrase. (RIBEIRO, 1981, p. 26)

No exercício ao fim da parte V, no qual se pede para indicar quais são os pronomes, distinguindo-lhes a classe (Júlio Ribeiro fala em classes, Holmes em tipos), o brasileiro utiliza outras frases que aquelas empregadas por Holmes, como se as usadas pelo estadunidense não servissem para sua gramática:

Point out the Pronouns in the following sentences, distinguishing their kinds.

I went to see your father at his house. He had gone to a neighbor's. You found the axe before it was needed. Now give it to him. Every thing should be put in its place, that you may know where each thing is. This is the knife which James found. Whose knife is it? (HOLMES, 1878, p. 18)⁸

Indicar os pronomes, distinguindo-lhes as classes, nas sentenças seguintes:

«Eu comi as laranjas de José, e tu comeste as minhas.— Vós me não amais.— Olhe os cavallos: este é meu; esse é de meu pae; aquelle não sei de quem é.— Quer peras? Cada uma custa meia pataca.— Gosto muito de Maria, e não posso tolerar a Pedro: ella é uma menina intelligente e mansa, elle é um diabinho estúpido e bravo.» (RIBEIRO, 1891, p. 26)

Na parte VI, *Palavras que significam acções e condições de cousas*, Júlio Ribeiro passa uma frase de Holmes da forma passiva para a forma ativa, dando destaque, portanto, ao sujeito que exprime a acção. Após explicar que, quando se menciona alguma coisa, menciona-se com o fim de dizer qualquer outra coisa a respeito dela, Holmes (1878, p. 19) exemplifica da seguinte forma: “If I say, ‘*Stars shine*’, a thought is

⁸ *Aponte os pronomes nas seguintes frases, distinguindo os seus tipos.* Eu fui ver o seu pai na casa dele. Ele havia ido à casa de um vizinho. Você encontrou o machado antes de ele ser necessitado. Agora, dê-me-lo. Tudo deve ser colocado em seu lugar, de forma a que você saiba onde cada coisa está. Esta é a faca que James encontrou. De quem é esta faca? (HOLMES, 1878, p. 18)

expressed, and some information conveyed”.⁹ Retomando essa passagem, Ribeiro (1891, p. 27) a traduz da seguinte forma: “Si eu digo «Estrellas brilham», exprimo um pensamento, e dou uma informação”. Parece um detalhe banal, mas não é de forma alguma gratuito, na medida em que mostra justamente um ajuste de Júlio Ribeiro no texto de Holmes.

Várias modificações por alterações ou substituições de exemplos podem ser encontradas na gramática de Júlio Ribeiro. Ainda na parte VI, por exemplo, ele substitui um dos quatro exemplos dados por Holmes na definição de verbo como uma palavra que exprime existência, condição de existência, ato ou ação. Holmes usa *I am here; I weep; I run; I strike a blow*. Júlio Ribeiro, por sua vez, substitui o terceiro exemplo (*I run*, eu corro) por “*Eu como*”. Para o gramático brasileiro, esse exemplo é melhor do que aquele dado pelo estadunidense. Nesse mesmo ponto, Júlio Ribeiro aproveita integralmente o texto de Holmes, mas altera a ordem das frases e substitui palavras. Holmes (1878, p. 20) escreve: “No sense will be made by the other words, if the verbs are left out of the sentences”. Invertendo a ordem da frase, Ribeiro (1891, p. 29) apresenta a seguinte tradução: “Si tirar-se o verbo das sentenças em que ele não possa facilmente subtender-se, ficam as outras palavras sem sentido”. Imediatamente em seguida, Holmes escreve o seguinte enunciado: “No sense will be made by the words, I — sick; The kind lady — me. But the sense is complete in the sentences, I was sick; The kind lady nursed me”. Júlio Ribeiro, por sua vez, aproveita os exemplos de Holmes, mas substitui a palavra *sense* por *conexão* no primeiro uso, traduzindo-a como *sentido* mais à frente: “Não ha conexão em «*Eu..... um ataque; a boa senhora..... me.*». Completa-se o sentido quando se diz: «*Eu TIVE um ataque; a boa senhora SOCCORREU-me.*»”.

Num caso de substituição de exemplos motivada por algo que não é da ordem do funcionamento estrito da língua, Júlio Ribeiro exemplifica com o prolóquio “muito riso, pouco siso” a observação do item 50 relacionada ao fato de muitas vezes ser possível fazer arranjos de sentenças sem verbos, que, nesses casos, são sempre subentendidos. Holmes, para exemplificar casos como esses, utiliza o provérbio “many men, many minds”. Nessa mesma observação, Júlio Ribeiro exclui algo da parte do texto de Holmes, pois o gramático estadunidense explica

⁹ “Se eu disser, ‘*Estrelas brilham*, um pensamento é expressado, e alguma informação transmitida”

que um verbo é “understood, or implied”, enquanto o brasileiro emprega uma única palavra: subentendido. Ainda no mesmo lugar, Ribeiro (1891, p. 30) reescreve o texto de Holmes quando diz “Há, porém, implícito um verbo que se tem de subtender, mentalmente ao menos, para que haja sentido”. O texto em inglês está escrito da seguinte maneira: “no verb is expressed, but a verb is implied, and must be supplied, in thought at least, before any meaning can be communicated by the words” (HOLMES, 1878, p. 52). No texto de Júlio Ribeiro, a frase “before any meaning can be communicated by the words” é reduzida a “para que haja sentido”, sem referência à significação comunicada por palavras.

No tratamento dado ao verbo, é possível encontrar modificações realizadas por Júlio Ribeiro por meio de substituição de termos. Ele explica que o verbo muitas vezes é definido como palavras de “enunciação ou de asserção”, termos diferentes de Holmes, que, na mesma explicação, diz que o verbo é muitas vezes definido como palavras de “Assertion or Affirmation”. Júlio Ribeiro, portanto, fala em *enunciação* e *asserção*, enquanto Holmes fala em *asserção* e *afirmação*. Na mesma passagem, Júlio Ribeiro altera ligeiramente o exemplo dado por Holmes, que traz a formulação combater na “guerra” (*My brother fought throughout the war*), ao passo que ele fala em combater na “China” (*Meu irmão combateu na China*). Nessa parte, como exemplo de modificação de terminologia, quando toma a explicação de Holmes de que os verbos são também chamados de “Time-Words, or Tense-Words” por indicarem a época da existência, da condição ou da ação, Júlio Ribeiro usa apenas um único termo, “Palavras de Tempo”.

É possível pontuar outras situações em que Júlio Ribeiro modifica o exemplo dado por Holmes, acrescentando mais palavras, sem que isso, no entanto, corresponda aparentemente a uma questão da língua ou da teoria. O gramático brasileiro adiciona elementos à frase do estadunidense como se o que ele havia usado não fosse suficiente. Na parte VII, *Palavras que denotam o caracter ou qualidade de acções ou attributos*, quando se explica que ações e atributos variam em caráter ou qualidade, em grau ou soma, Holmes (1878, p. 21) usa a seguinte frase como exemplo: “A ship sails on the sea. One ship may sail *well*; another may sail *badly*; a third may sail *slowly*; a fourth may sail *very quickly*”.¹⁰ Júlio Ribeiro,

¹⁰ “Um navio navega no mar. Um navio pode navegar *bem*; outro pode navegar *mal*; um terceiro pode navegar *devagar*; um quarto pode navegar *muito rapidamente*.”

por sua vez, vai empregar também *lagos* e *rios* como lugares por onde os navios navegam, ao passo que Holmes havia mencionado somente o *mar*: “Os navios navegam no mar, nos lagos e nos rios. Um navio navega *bem*; outro navega *mal*; um terceiro navega *devagar*; um quarto navega *rapidamente*” (RIBEIRO, 1891, p. 32). No mesmo item (56 de Holmes e 54 de Júlio Ribeiro), recuperando as palavras destacadas nos exemplos para indicar advérbios, vemos que o brasileiro traz pelo menos uma palavra a mais do que o estadunidense, cuja lista é a seguinte: *well, badly, slowly, more, exceedingly*. A lista de Júlio Ribeiro é formada por *bem, mal, de vagar, rapidamente, mais, muito*. Ainda nesse mesmo ponto, Júlio Ribeiro faz também o movimento contrário, isto é, o de cortar palavras empregadas por Holmes, uma alteração não na lista de exemplos, mas na descrição das propriedades da classe de palavras. Assim está escrito o texto de Holmes: “‘*Difficult*’ is an adjective expressing the character or quality of a lesson”. No de Júlio Ribeiro, encontramos a seguinte formulação: “‘*Diffícil*’ é um adjetivo que exprime o carácter da lição”. Para Holmes, portanto, o adjetivo expressa o caráter ou a qualidade do verbo, enquanto que para Júlio Ribeiro o adjetivo exprime apenas o caráter do verbo.

Um outro caso de diminuição da quantidade de exemplos pode ser visto no exercício em que se pede para indicar os advérbios nas sentenças. Júlio Ribeiro aproveita e traduz todos os exemplos dados por Holmes, com exceção de um (“Many persons would have acted otherwise”). Num outro exercício, em que se pede para formar frases com os advérbios dados, na lista de Júlio Ribeiro (*Alli, então, rectamente, bem, mal, muito, pouco, sempre, nunca, lindamente, correctamente*) são excluídos alguns dos advérbios da lista de Holmes (*There, then, otherwise, rightly, frequently, sometimes, quickly, soon, justly, wisely, always, never, not, sweetly, cheerfully*). Num outro exercício, em que também se pede para indicar os advérbios nas frases, Júlio Ribeiro não subtrai nenhuma das frases de Holmes, mas substitui uma palavra por outra. Em Holmes, a frase a ser completada é: “The morning is — beautiful”, traduzida por Júlio Ribeiro como: “A manhã está triste”. Não é uma imposição da ordem da língua, não é tampouco decorrente de uma discordância teórica, mas revela um gesto de autoria. Para o gramático brasileiro, *triste* vai melhor na frase do que *linda*.

Na parte VIII, *Palavras que significam a relação ou a direcção de uma cousa para outra*, quando se explica que uma palavra ou uma

frase é muitas vezes limitada pela expressão da relação que ela tem com alguma outra coisa, ou pela adição de alguma coisa a que se dirige a significação dela, na explicação do exemplo, Holmes mostra qual palavra é limitada por qual palavra e a que palavra se dirige tal palavra, isto é, ele marca as conexões entre as palavras:

The farmer is ploughing in his field on the hill before us. Here the phrase “*is ploughing*” is limited by expressing its relation to the farmer’s own field, and the meaning of “*field*” is directed to the particular field “*on the hill*”, and the meaning of “*hill*” is directed and confined to the field in sight, or “*before us.*” (HOLMES, 1878, p. 23).

Com base no texto de Holmes, Júlio Ribeiro explicita as mesmas relações, mas vai acrescentar também a natureza da expressão que é limitada, isto é, ele não apenas mostra as ligações entre as palavras, mas também especifica a função da palavra, dizendo que a expressão limitada é de circunstância de lugar:

«O macuco está pousado em um galho de canelleira.» Aqui a phrase «está pousado» é limitada pela expressão de circunstancia de logar «em um galho», e a significação de «galho» é dirigida a um galho *de* canelleira. (RIBEIRO, 1891, p. 35)

Quando se explica que as preposições são assim chamadas porque usualmente se colocam antes das palavras às quais se dirige a significação de uma outra palavra, ou que são restringidas por essa significação, Júlio Ribeiro corta completamente a seguinte observação de Holmes (1878, p. 24): “Prepositions do not always precede the nouns dependent upon them, nor are nouns always required with them; as, *It was spoken of*”.¹¹ Esse funcionamento não se aplicaria ao português ou o brasileiro não julgou necessário falar sobre isso em sua gramática? Em outro momento, Júlio Ribeiro altera parte da definição de preposição apresentada por Holmes. A definição dessa classe de palavras é a seguinte em Holmes: “A Preposition is a word which expresses the relation or direction of the meaning to another word or thought” (HOLMES, 1878, p. 24). A definição assim aparece em Ribeiro (1891, p. 36): “PREPOSIÇÃO é uma

¹¹ “Preposições nem sempre precedem os substantivos que são seus dependentes, e nem sempre substantivos são necessários com elas; como, *It was spoken of*”.

palavra que exprime a relação ou a direção de uma palavra ou de um pensamento para outra palavra ou para outro pensamento”. Na formulação de Júlio Ribeiro, “of the meaning” vem a ser “de uma palavra ou de um pensamento”, isto é, *significado* dá lugar a *palavra e pensamento*.

Quando Júlio Ribeiro retoma o exercício proposto por Holmes, no qual se pede que se identifiquem as preposições nas sentenças, vemos modificações que parecem estar aí simplesmente pelo fato de Júlio Ribeiro preferir outra palavra àquela usada por Holmes, mas isso também não deixa de significar um gesto de autoria. Desse modo, no exercício em que se pede para inserir preposições nas sentenças, Júlio Ribeiro traduz as frases apresentadas por Holmes, mas substitui a palavra *dog* (Drive the dog — the house) pela palavra *cavalo* (Tire o cavalo dentro casa). Nesse caso, a tradução fornece, em português, dois ambientes para inserir a preposição, o que demonstra haver algo da ordem da própria língua, mas que não tem absolutamente nada a ver com o fato de Júlio Ribeiro trocar *cachorro* por *cavalo* na frase. Da mesma forma, o brasileiro troca *the street* (The regiment marched — the street) por *idades despovoadas* (O regimento passou cidades despovoadas). Num terceiro exercício, em que o comando é formar sentenças em que entrem as preposições listadas, Júlio Ribeiro reduz o número de preposições apresentadas por Holmes, talvez porque algumas das preposições em inglês usadas pelo estadunidense (*About, above, under, below, in, into, upon, within, without, through, by, to*) correspondam a uma única preposição em português na lista do brasileiro (*A–para–em–de–sobre–sob–com–ante–sem*).

Cabe marcar a decisão de Júlio Ribeiro de traduzir, em duas ocasiões, o termo *statement*, utilizado por Holmes, como *juízo*. No item 62 (64 de Holmes), por exemplo, ele explica que, nas frases “cão ladra E morde—O cão morder-te-á SI tu lhe bateres”, “duas palavras ou dois juízos estão ligadas pelas palavras *e* e *si*”. Já no item 63 (65 de Holmes), ele afirma que se empregam “certas palavras para ligar outras palavras entre si, ou para ajuntar juízos”. Em Holmes, as frases estavam assim escritas: “In these examples, two words or two statements are conected together by the words ‘and’ and ‘if.’” e “Certain words are employed to join other words or statements together”. O interessante, contudo, é notar que, em todas as outras ocasiões em que Holmes usa a palavra “*statements*”, e são mais de vinte ocorrências ao longo de todo o texto, Júlio Ribeiro a traduz como *asserção* na maioria das vezes, mas duas

vezes, pelo menos, ela é traduzida como *asserto*; uma vez, como *sentença*, e não como *juízo*. Nesses dois casos, no entanto, ele julgou melhor falar justamente em *juízo*.

Nos exercícios ao final da parte sobre as conjunções, Júlio Ribeiro vai alterar a quantidade de itens, listando menos conjunções (*E-ou; nem-; porque-porquanto-pois-si-que-mas-porém-como*) que Holmes (*And, or, either: nor, neither: because, for, since, till, if, that, but, though, unless, lest, yet*) no momento em que pede para formar sentenças com as conjunções listadas, ou simplesmente acrescentando frases que não se encontram em Holmes, quando, no exercício em que pede para identificar as conjunções, ele escreve: “Si eu fosse rico, mandava-te para a Europa”.

É possível destacar outros momentos em que Júlio Ribeiro insere mais elementos do que Holmes para mostrar o funcionamento de uma classe de palavra. Quando explica que algumas palavras são empregadas somente com o fim de indicar emoção, ele traduz e lista os mesmos cinco tipos de emoção descritos por Holmes (*grief, joy, disgust, surprise, fear*), mas insere uma a mais, o *receio*. Por outro lado, o gramático brasileiro, na mesma passagem, mostra menos exemplos de palavras dessa espécie (*Ah! Oh! Ai! Ih!*) do que o estadunidense (*Ah! Hurrah! Ugh! Ha! Oh! Alas!*). Ainda no tratamento das interjeições, no item 69 (71 de Holmes), Júlio Ribeiro corta completamente os exemplos de interjeições dadas por Holmes e deixa somente a própria definição, como se os exemplos fossem desnecessários diante da definição. Assim, como Holmes, ele vai dizer: “Palavras que podem ser introduzidas em qualquer parte das sentenças chamam-se Interjecções, isto é, «palavras lançadas no meio da sentença»” (RIBEIRO, 1891, p. 42). No entanto, ele vai cortar essa passagem do texto de Holmes: “*Ah! Oh! Alas!* are Interjections” (HOLMES, 1878, p. 27).

Na parte XI, *Enumeração das classes de palavras*, quando são retomadas as definições de classes de palavras, temos uma nova oportunidade de notar algumas das alterações que Júlio Ribeiro faz nas definições apresentadas por Holmes. Quando retoma o adjetivo, por exemplo, vemos mais uma vez que ele introduz a limitação das coisas como uma propriedade dessa classe de palavras, algo que, como já mostramos, não está presente no texto de Holmes. No caso dos artigos, o brasileiro considera como sua propriedade individualizar e particularizar a significação dos substantivos, enquanto o estadunidense fala em determinar a aplicação ou aceção dos substantivos. Assim é apresentada a definição no texto de Holmes (1878, p. 8): “Words determining the

application or acceptation of nouns, or Articles”. No de Ribeiro (1891, p. 44), a formulação se faz desta maneira: “Palavras que individualizam e particularizam a significação dos substantivos, ou Artigos”. Quanto aos verbos, ele acrescenta como descrição que eles enunciam, dizem ou declaram: “Palavras que significam a existência, a condição, o acto ou a acção das cousas, ou, em outros termos, palavras que enunciam, dizem ou declaram, chamadas Verbos” (RIBEIRO, 1891, p. 44). Essa segunda parte da frase de Júlio Ribeiro não se encontra na definição de Holmes (1878, p. 28): “Words signifying the existence, condition, act, or actions of things, or Verbs”.

Alguns outros casos de mudanças de exemplos operadas por Júlio Ribeiro podem ser encontrados na parte XII, *Sentença*. Holmes utiliza o seguinte exemplo de sentença complexa: “The night cometh when no man can work”. A frase de Júlio Ribeiro é a seguinte: “A noite é triste por que é a ausência do sol”. Um exemplo de sentença simples para Holmes é: “The summer is pleasant, and it is adorned with flowers”. O mesmo exemplo é vertido por Júlio Ribeiro da seguinte maneira: “O Verão é agradável, e a Primavera é risonha”. Em outro caso, Holmes escreve: “To die for the right is worthy of all praise”. Já Júlio Ribeiro prefere: “Morrer pela pátria é doce e glorioso”.

Quando ensina que o que se diz acerca do sujeito se chama predicativo, Júlio Ribeiro mais uma vez acrescenta palavras no texto de Holmes. A modificação de Júlio Ribeiro nomeia qual a classe de palavra para a qual se chama a atenção, enquanto Holmes (1878, p. 31) somente indica a palavra sobre a qual se chama atenção: “In the sentences, *Birds fly, fishes swim, men walk, we travel*, it is said of birds that they “fly;” of fishes, that the “swim;” of men, that they “walk;” of the persons represented by “we,” that they “travel”. Para o gramático brasileiro, é importante dizer que o *nós* na frase *nós viajamos* é um pronome: “Nas sentenças «*Passaros vôam–Peixes nadam–Homens andam–Nós viajamos*», diz-se dos passaros que elles «*vôam*»; dos peixes que «*nadam*»; dos homens que «*andam*»; e das pessoas representadas pelo pronome «*nós*» que «*viajam*»” (RIBEIRO, 1891, p. 49).

Em duas ocasiões (itens 87 e 89 do brasileiro e 89 e 91 do estadunidense), Júlio Ribeiro vai acrescentar uma palavra no texto de Holmes para precisar o funcionamento do elemento gramatical explicado. Nos dois casos, ele vai inserir a palavra “*sempre*” no texto que toma de Holmes. Assim, na primeira vez, Holmes (1878, p. 32) diz: “The subject

of a simple sentence does not necessarily consist of a single word” . E Júlio Ribeiro traduz: “O sujeito de uma sentença simples não consta sempre, forçosamente, de uma palavra só” (RIBEIRO, 1891, p. 51). Na segunda ocorrência, Holmes (1878, p. 32) escreve: “The predicate of a simple sentence does not necessarily consist of only a single word”. E Ribeiro (1891, p. 52) afirma: “O predicado de uma sentença simples não consta, sempre forçosamente de uma só palavra” Em um terceiro caso ainda (item 90 de Júlio Ribeiro e 92 de Holmes), o brasileiro insere outros elementos que atuam no funcionamento gramatical de um item. Assim, Holmes, quando explica que certos verbos que exprimem ação requerem que se junte algo para completar o predicado, descreve a necessidade de adição de um *substantivo* ou *pronome*: “Certain verbs expressive of action require the addition of a noun or pronoun to complete the predicate, by showing on what the action takes effect” (HOLMES, 1878, p. 33) Ao traduzir essa passagem, Ribeiro (1891, p. 52) vai acrescentar como necessidade uma *parte do discurso* ou uma *frase substantivada*: “Certos verbos que exprimem acção, para que fique completa a sua predicação, requerem que se lhes ajunte um substantivo, um pronome, uma parte do discurso ou uma phrase substantivada: este additamento mostra a coisa sobre a qual se exerce acção significada pelo verbo”. Cabe ainda notar que Júlio Ribeiro fala em *predicação* enquanto Holmes fala de “*predicate*”. Na observação de que esse tipo de verbo se chama transitivo, Júlio Ribeiro volta a reformular a frase de Holmes: “Os verbos que assim requerem a adição de um substantivo ou de qualquer outra palavra ou phrase que lhe faça as vezes, chamam-se Verbos Transitivos” (RIBEIRO, 1891, p. 53). No texto do estadunidense, assim estava escrito: “Verbs that thus require the addition of a noun or pronoun, are called Transitive Verbs” (HOLMES, 1878, p. 33). A mesma estratégia será seguida no ponto seguinte (91 de Júlio Ribeiro e 93 de Holmes), quando Holmes ensina o que é o objeto do verbo: “The noun or pronoun added to complete the predicate of a transitive verb is called the Object of the verb” (1878, p. 33). Já no texto de Júlio Ribeiro, a lição aparece da seguinte maneira: “O nome, pronome, parte do discurso ou phrase substantivada, que se juncta para completar a significação de um verbo transitivo, chama-se o «objecto do verbo.»” (RIBEIRO, 1891, p. 53). Cabe notar que Holmes fala em completar o *predicado* do verbo, enquanto Júlio Ribeiro fala em completar a sua *significação*. No ponto seguinte (92 de Júlio Ribeiro e 94 de Holmes), Júlio Ribeiro corta uma parte da explicação de Holmes

em que se afirma que tanto o sujeito quanto o predicado podem constar de uma só ou de muitas palavras, suprimindo especificamente a parte em que ele explica que o predicado sempre contém um verbo (“The predicate always contains a verb”). Nessa passagem, Júlio Ribeiro também altera o tamanho do exemplo dado por Holmes, elaborando a frase com mais termos:

A simple sentence, then, consists of one subject and one predicate; as, *Fire burns*. The subject and the predicate may each consist of one, or of several words; as, *Bees hum*; *The busy bee improves each shining hour*. The grammatical subject consists of a noun, or a pronoun, or of something equivalent and used as a noun. The logical subject includes all the words which describe the subject of discourse. The predicate always contains a verb. The grammatical predicate consists of the verb only. The logical predicate embraces whatever is said of the logical subject. The grammatical predicate sometimes requires to be completed by the addition of a word denoting on what the action takes effect, and this word is called the object; as, *The boys broke—the bottle*. (HOLMES, 1878, p. 33-34)

Uma sentença simples, pois, consta de um só sujeito e de um só predicado, exemplo: –«o fogo queima». Tanto o sujeito como o predicado pode constar de uma só palavra ou de muitas, exemplos: –*Abelhas zumbem—As diligentes, zumbidoras abelhas colhem das flores o mel de seus favos.*» O sujeito grammatical consta de um substantivo, de um pronome, ou de qualquer palavra usada como substantivo. O sujeito logico comprehende todas as palavras que descrevem o sujeito do discurso. O predicado grammatical consta só do verbo. O predicado logico abraça tudo o que se diz do sujeito logico. Por vezes o predicado grammatical requer, para ficar completo, que se lhe addicione uma palavra designativa daquillo sobre o que se effectua a acção, e tal palavra chama-se objecto; exemplo: –«*Os meninos quebraram A GARRAFA.*».(RIBEIRO, 1891, p. 53-54)

É interessante notar a oscilação nas escolhas lexicais para o tratamento da sentença complexa. Tanto Holmes quanto Júlio Ribeiro vão intercambiar os termos *sentença* e *proposição*, como se fossem equivalentes. No entanto, algumas vezes, o brasileiro vai traduzir como *proposição* o que o estadunidense chamou de *sentence* e, contrariamente, preferir *sentença* quando o outro escolheu falar de *proposition*. Assim,

num primeiro momento, Holmes (1878, p. 34) explica: “In a complex sentence the leading or limited proposition is called the principal sentence or clause”. E continua: “The secondary or limiting proposition is called the subordinate sentence or clause” (HOLMES, 1878, p. 35). Em Ribeiro (1891, p. 56). por seu turno, vamos ler: “Em uma sentença complexa a sentença limitada ou mais importante chama-se «clausula ou proposição principal»”. E em seguida: “A proposição secundaria ou limitadora chama-se «clausula ou proposição subordinada»” (RIBEIRO, 1891, p. 56). Nessa mesma parte, Júlio Ribeiro corta um elemento na definição de Holmes (1878, p. 35) de sentença composta: “A Compound Sentence is one in which two or more simple and independent sentences are joined together by means of a conjunction”. Na definição tal como escrita por Júlio Ribeiro, não se marca que as sentenças simples que se juntam para formar uma sentença composta são também *independentes*: “SENTENÇA COMPOSTA é uma sentença em que duas ou mais sentenças simples junctam-se por meio de uma conjunção” (RIBEIRO, 1891, p. 55).

No fim, como já comentamos, Júlio Ribeiro vai apresentar um aditamento dos fatos essenciais léxicos e sintáticos da língua portuguesa.

5 A introdução de referências ao Brasil no discurso gramatical por meio da seleção dos exemplos

As modificações de Júlio Ribeiro no texto de Holmes foram fortemente percebidas no emprego dos exemplos, o que tem a ver com a afirmação de Auroux (1992, p. 67) de que “os exemplos testemunham sempre uma realidade linguística”, podendo ser utilizados para disfarçar a ausência de certas regras ou a impossibilidade do gramático de formulá-las, bem como para justificar ou questionar regras ou descrições. Na forma de testemunhas de realidades linguísticas diferentes, para guardar a formulação de Auroux (1992), os exemplos utilizados por Holmes não puderam ser mantidos por Júlio Ribeiro em certos casos, como vimos detalhadamente no item anterior. Afinal, Ribeiro trabalha com o português falado no Brasil enquanto Holmes lida com o inglês dos Estados Unidos.

É interessante marcar a explicação de Holmes de que os exemplos usados em sua gramática são os mesmos aproveitados tradicionalmente pela maior parte das *schools grammars*: “The examples and exercises have been usually taken without hesitation from preceding works of a similar nature, – a procedure adopted in most school grammars”. (HOLMES,

1878, p. 1-2). Não são, portanto, invenções do próprio Holmes, mas obra de uma tradição, o que ilustra bem a afirmação de Auroux (1992, p. 67) de que os “exemplos se beneficiam de uma espantosa estabilidade no tempo”, encontrados, “por um procedimento de tradução, de língua a língua”, sendo que “a constituição de um *corpus* de exemplos é um elemento decisivo da gramatização”. Além de reutilizar esses exemplos recuperados pelo próprio Holmes da tradição da gramática inglesa, Júlio Ribeiro vai modificá-los muitas vezes para introduzir no discurso gramatical referências ao Brasil e também a Portugal.

No item 19, quando se define que substantivos são palavras que são nomes de coisas, vemos a substituição de um exemplo que parece funcionar para situar algo que se imagina mais próximo da realidade do público da gramática de Júlio Ribeiro. Holmes usa as palavras *kettle* e *andiron* como exemplos de coisas que podem ser manejadas ou tocadas. Júlio Ribeiro traduz *kettle* aproximadamente como *caçarola*, e *andiron* como *formão*. O *andiron*, no entanto, tem a função específica de ser o ferro que se utiliza nas lareiras, um instrumento provavelmente pouco conhecido num país com temperaturas elevadas como o Brasil. Mais do que uma palavra, o que parece ser traduzido por Júlio é um modo de vida na medida em que ele substitui a palavra usada por Holmes por outra que evoque um objeto mais conhecido pelos brasileiros.

No exercício I da parte IV da gramática, quando o comando é de identificar os chamados substantivos próprios e apelativos em uma lista, Júlio Ribeiro traz nomes que evocam a geografia do Brasil (*S. Paulo*) e de Portugal (*Lisboa, Portugal*), além de listar nomes correntes nos dois países (*Amelia, Julio, Gouvêa*), enquanto Holmes havia posto nomes usados nos Estados Unidos (*Macon, Jackson, Joshua*). Diferentemente de Júlio Ribeiro, os nomes de cidade listados por Holmes não evocam a geografia do seu próprio país (*Mexico, Pompey, Palestine, Paris*).

As modificações de Júlio Ribeiro continuam nos exercícios referentes aos verbos. Quando se pede para indicar os verbos nas sentenças apresentadas e explicar por que são verbos, Júlio Ribeiro aproveita praticamente todas as frases de Holmes, mas muda algumas para trazer imagens da fauna e da geografia do Brasil (e mesmo uma provocação aos portugueses!), em substituição a imagens talvez mais típicas dos Estados Unidos. Assim, Holmes dá como exemplo “Fox live in the holes”, ao passo que Júlio Ribeiro escreve “Os tatus fazem buracos”. No lugar de escrever como Holmes “Pigs squeal”, Júlio Ribeiro escreve “Os portugueses

grunhem”. Holmes escreve “The snow covers the ground”, ao passo que Júlio Ribeiro escreve “Caiu neve um dia deste no Rio de Janeiro”.

Uma outra ocorrência em que Júlio Ribeiro adapta o exemplo dado por Holmes com elementos mais comuns ao Brasil pode ser vista quando se explica que os advérbios podem ser empregados para limitar ou qualificar outros advérbios. O exemplo de Holmes (1878, p. 22) é o seguinte: “Jenny Lind sang *marvellously well*. Your friend paints *very beautifully*” Júlio Ribeiro (1891, p. 34), por sua vez, escreve: “Sarah Bernhardt finge paixões *maravilhosamente bem*, e pinta *muito correctamente*”. A atriz francesa Sarah Bernhardt era bastante famosa no Brasil, tendo visitado o país quatro vezes. A soprano sueca Jenny Lind fez uma grande turnê pelos Estados Unidos, sendo provavelmente por isso mais conhecida por lá do que por aqui. Na sequência, os exemplos de Holmes usados para exemplificar a definição de advérbios como palavras que se juntam a verbos, adjetivos e a outros advérbios para qualificar-lhes a significação são atribuídos à cantora (“She sings sweetly; she is entirely helpless; she rides very gracefully”); os de Júlio Ribeiro se referem à atriz (“Ella falla docemente, ella é bem linda, ella sabe-se conduzir-se muito bem”). Assim, os exemplos são alterados para se adequarem à mudança de objeto, de cantora famosa nos Estados Unidos para atriz famosa no Brasil.

Na parte VIII, *Palavras que significam a relação ou a direcção de uma cousa para outra*, Júlio Ribeiro modifica o exemplo empregado por Holmes, fazendo menção à fauna brasileira. O exemplo de Holmes é “The farmer is ploughing in his field on the hill before us”. O utilizado por Júlio Ribeiro é o seguinte: “O macuco está pousado em um galho de canelleira”.

Quando Júlio Ribeiro retoma o exercício proposto por Holmes em que se pede para identificar as preposições nas sentenças, o brasileiro aproveita todas as frases do estadunidense, mas substituindo novamente as menções a elementos dos Estados Unidos por itens brasileiros. Ele insere, assim e mais uma vez, por meio dos exemplos, a geografia e a história do Brasil, bem como os hábitos alimentares. A frase em Holmes (1878, p. 24) é: “We went from Boston to Savannah”. Em Ribeiro (1891, p. 370), por sua vez, lê-se: “Elle veio da Côte para S. Paulo”. A frase de Holmes, se traduzida sem modificações para o português, serviria perfeitamente ao propósito do exercício, isto é, identificar as preposições. O gramático brasileiro, no entanto, prefere fazer certas adaptações e trazer imagens brasileiras. Assim, nesse mesmo exercício, ele vai acrescentar

duas outras sentenças, duas a mais que Holmes, portanto, e nelas se fala justamente da história e de hábitos do Brasil: “Pedro II é filho de Pedro I” e “Como pão com manteiga”.

Nos exercícios ao final da parte sobre as conjunções, quando se pede para identificar as conjunções nas sentenças, Júlio Ribeiro aproveita todas as frases criadas por Holmes, mas fazendo mais uma vez a substituição dos nomes próprios em inglês usados pelo estadunidense. Assim, a frase de Holmes “Henry and Fred are good boys, but Tom and Bob are not” é traduzida por Júlio Ribeiro com a substituição dos nomes próprios corriqueiros nos Estados Unidos por nomes comuns no Brasil: “Jorge e Joel são bons meninos, mas Arthur e Osorio não são”.

Quando se apresenta de forma mais direta a definição de interjeição como uma palavra introduzida no corpo de uma sentença para exprimir qualquer emoção súbita da pessoa que fala (item 70 de Júlio Ribeiro e 72 de Holmes), Júlio Ribeiro, uma outra vez, reformula o exemplo dado por Holmes, trazendo novamente menções à geografia do Brasil. A frase de Holmes é: “*Strange! that the letter should never have reached me!*”. A de Júlio Ribeiro fala de *São Paulo* e da corte no *Rio de Janeiro*: “Famoso! a carta partiu de S. Paulo ha oito dias, e ainda não chegou á corte!”.

Na parte das sentenças, quando se explica que qualquer palavra ou frase pode ser substantivada e formar sujeito da sentença, Júlio Ribeiro modifica o exemplo para citar o nome de uma obra literária da língua portuguesa quando Holmes havia citado uma obra literária da língua inglesa. Holmes (1878, p. 31) se refere ao *Corvo* de Poe: “*To write Poe’s Raven required high genius*”. A referência de Júlio Ribeiro é aos *Lusíadas*: “*ESCREVER LUSIADAS só é dado aos genios*”, dando assim publicidade à literatura em língua portuguesa enquanto Holmes dava publicidade à literatura em língua inglesa.

6 Para finalizar: entre as imposições da ordem própria da língua e marcação de uma posição autoral : *Holmes Brasileiro* como um caso de gramática latina extensa e gesto de constituição de lugar brasileiro de autoria sobre a língua e o conhecimento linguístico

Júlio Ribeiro e George Frederick Holmes são dois gramáticos do continente americano que guardam a semelhança de escreverem gramáticas de línguas que já foram gramatizadas nas ex-metrópoles europeias. Pelo menos na gramatização brasileira do português, o

processo de colonização marca a identidade linguística pelo que Orlandi (2005) chama de *memória heterogênea*, que posiciona a língua portuguesa no Brasil entre o imaginário de autonomia e de unidade com Portugal.

Na comparação da situação linguística nos três primeiros séculos de colonização no Brasil e nos Estados Unidos, Mariani (2004, p. 168) afirma que a “relação língua-nação constituída na metrópole inglesa e na colônia americana a partir de sua independência é distinta daquela constituída na metrópole portuguesa e na colônia brasileira”, mostrando, por exemplo, que a colônia brasileira do século XVIII é herdeira de uma concepção de língua submissa ao falar e escrever corretamente, com o português brasileiro sendo apresentado por meio de rubricas como *brasileirismos* ou *provincialismos*. Do lado norte-americano, o foco está no vínculo da norma aos usos que possibilitam a expressão ou comunicação dos pensamentos adequadamente, com uma narrativa histórica da língua que enfatiza o plurilinguismo e o multiculturalismo e dá pouco espaço para a designação *língua americana*.

Ainda que reconheça diferenças entre o inglês dos Estados Unidos e o da Inglaterra, Holmes trabalha na ilusão de compor uma gramática da mesma língua da ex-metrópole. Pensando na afirmação de Auroux (1992, p. 74) de que o processo de gramatização corresponde a “uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas”, poderíamos dizer que Júlio Ribeiro escreve sua gramática na ideia de um mesmo funcionamento gramatical entre duas línguas distintas. Na verdade, o que temos aqui é um bom exemplo do que Auroux (1992, p. 78) chama de “gramática latina extensa” quando explica que o “plano relativamente fixo das gramáticas define o quadro para se preencher por uma descrição de língua e também os termos teóricos necessários para uma primeira apreensão dos fenômenos”. Dessa forma, notamos que, apesar das reformulações de Júlio Ribeiro, as categorias com as quais ele trabalha se mantêm mais ou menos as mesmas daquelas de Holmes e, no fundo, de toda a tradição gramatical ocidental. Nesse ponto, é importante citar a tese de Auroux (1992, p. 42) de que o “fundo latino constitui um fator de unificação teórica que não tem equivalente na história das ciências da linguagem”, o que explicaria “a homogeneidade conceptual dessas disciplinas”. Dessa forma, ainda segundo Auroux (1992, p. 43-44), o estabelecimento de “identidade de metalinguagem” possibilitou “uma certa equivalência entre as gramáticas das diferentes línguas redigidas em qualquer dos vernáculos em uso”, de forma que “as gramáticas podem ser

simples traduções umas das outras”. Daí provém a sua observação de que a “gramatização (a base do latim) de um vernáculo europeu pode igualmente servir de partida para uma outra língua e lhe transmitir sua ‘latinidade’”.

Acentuando modificações, cabe reforçar a existência de todo um trabalho de ressignificação do material de Holmes por parte de Júlio Ribeiro. Nesse sentido, vale lembrar a afirmação de Orlandi (2004, p. 14) de que “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade”. Pensando essa afirmação para o entendimento específico da composição da obra de Júlio Ribeiro no processo de gramatização brasileira no século XIX, vale igualmente recordar o que diz Orlandi (2009, p. 122) sobre a vinculação dos gramáticos brasileiros com a produção internacional na sua afirmação de que “as referências a autores estrangeiros, feitos por nossos autores, são uma maneira de argumentar em relação a uma história própria”, de modo a não serem “nem simples influências nem mera recepção”, mas antes “formas de argumentar em função de ideias que dão a especificidade de uma filiação de memória intelectual linguística brasileira na relação com a ciência em geral”. “Não há reprodução teórica, mas transferência, re-significação”, teoriza Orlandi (2000, p. 23) ao marcar que é preciso “considerar como nossos autores se filiam a linhas de reflexão linguísticas para poderem formular suas ideias e constituírem o nosso pensamento gramatical assim como a ideia de uma língua nossa, no Brasil”. É nessa perspectiva finalmente que Orlandi (2009, p. 154) defende que os gramáticos brasileiros do final do século XIX e início do século XX “assumem a posição-autor de um saber linguístico que não reflete meramente o saber gramatical português”, sendo a gramática “o lugar em que se institui a visibilidade de um saber legítimo para a sociedade brasileira e torna visível a língua que falamos”, num “processo de ressignificação, de historicização, tanto da língua quanto do saber sobre ela”.

Como um gramático brasileiro do século XIX, no movimento de busca de outras filiações teóricas que não as vindas somente de Portugal e de assumir uma posição de um saber linguístico que não se reduz a refletir meramente o saber gramatical português, Júlio Ribeiro encontra na obra *A Grammar of the English Language*, do estadunidense George Frederick Holmes as bases para a composição de sua *Holmes Brasileiro ou Grammatica da Puericia*, uma gramática pretendida como científica e

construída com base em uma outra avaliada igualmente como científica, num movimento que nos possibilita lançar luz sobre a alteridade que a gramática estadunidense representa para a gramatização brasileira do português. Na transposição de um modelo gramatical, submetido ao engenho dos procedimentos de transferência de tecnologias entre línguas, isto é, ao que é da própria dinâmica da gramatização, Júlio Ribeiro não apenas traduz, mas modifica o compêndio de Holmes. Assim, por exigência das diferenças entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos, Júlio Ribeiro reformula o texto de Holmes levado pelas especificidades da ordem própria da língua. No entanto, não é apenas essa imposição da ordem própria da língua que está em jogo nas reformulações de Júlio Ribeiro, sendo possível enxergar nelas um gesto de autoria do gramático brasileiro sobre a língua e o conhecimento linguístico, gesto significado pelas escolhas lexicais para a definição e classificação das categorias gramaticais, pela própria redistribuição dessas categorias, descrição de seu funcionamento e consideração de suas propriedades; pelo acréscimo de elementos ao texto de Holmes, como se o que ele havia colocado não fosse suficiente, ou, contrariamente, pela supressão de outros elementos, como se enxergasse um excesso; pelos rearranjos nas frases e dos itens do tratado e pela substituição de exemplos, como se os usados pelo estadunidense não servissem para a sua gramática, inserindo por meio deles referências ao Brasil no discurso gramatical.

Referências

- ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. *Primeira Grammatica da Infância*. Pará: Pinto Barbosa & Cia, 1896.
- ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. *Segunda Grammatica da Infância*. Pará: Pinto Barbosa & Cia. 2. ed. 1897.
- AQUINO, José Edicarlos de. *Júlio Ribeiro na história das ideias linguísticas no Brasil*. 2016. 354 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- AQUINO, José Edicarlos de. *O que há de materno na língua?: Considerações sobre os sentidos de língua materna no processo de gramatização brasileira nos séculos XIX e XX*. 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012a.

AQUINO, José Edicarlos de. Os nomes da língua na Grammatica Portuguesa de Júlio Ribeiro. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 30, p. 71-99, 2012b.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

HOLMES, G. F. *A Grammar of the English Language*. New York: UPC, 1878.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. A língua brasileira. *Ciência e Cultura*, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, n. 57. v. 2, p. 29-30, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. O Estado, a gramática, a autoria: língua e conhecimento linguístico. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 4/5, p. 19-34, 2000.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um Espaço de Produção Linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Mato Grosso: Pontes, 2001. p. 21-38.

RIBEIRO, Júlio. *Holmes brasileiro ou grammatica da puericia*. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1886.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das ideias linguísticas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 53, n. 2, p. 197-217, 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v53i2.8636988>

TIMELLI, Maria Colombo. *Traductions françaises de l'Arts Minor de Donat au Moyen age (XVIIIe-XVe siècles)*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1996.